



Neoliberalismo e necropolítica: a re-emergência da extrema-direita e a tragédia da modernidade no Brasil

Neoliberalism and necropolitics: the re-emergence of the far-right and the tragedy of modernity in Brazil

Néolibéralisme et nécropolitique: la re-émergence de l'extrême-droite et la tragédie de la modernité au Brésil

Guilherme Ribeiro

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

geofilos@msn.com

Resumo: Escrito sob a perspectiva de um geógrafo porém mobilizando campos como a filosofia política, a ciência política e a psicanálise, o ensaio em tela dá sequência ao meu projeto de analisar o bolsonarismo e seus efeitos ideológicos no Brasil. Para tanto, percebi que uma crítica ao neoliberalismo, enriquecida pelo conceito de necropolítica, permitia-me iluminar três aspectos indissociáveis da realidade brasileira: as sequelas sociais deixadas por aquela política econômica, a re-emergência da extrema-direita e a tragédia da modernidade.

Palavras-chave: Ideologia. Luta de classes. Extrema-direita. Desigualdades sociais.

Abstract: Written by a geographer, but in close connection with other fields such as political philosophy, psychoanalysis, and political science, this essay is part of my project of analysing the bolsonarism and its ideological effects on Brazil. To do so, I realized that a critique of neoliberalism enhanced by the concept of necropolitics will shed some light on three intertwined aspects of the Brazilian reality: the social aftermaths of neoliberalism, the re-emergency of the far-right in Brazil, and the tragedy of modernity.

Keywords: Ideology. Class struggle. Far-right. Social inequalities.

Résumé: Écrit par un géographe en dialogue avec la philosophie politique, la science politique et la psychanalyse, cet essai est la séquence de mon projet d'analyser le bolsonarisme et ses effets idéologiques au Brésil. Pour cela, je me suis rendu compte qu'une critique au néolibéralisme enrichie par le concept de néropolitique pourrait éclaircir trois éléments indissociables de la réalité brésilienne: les séquelles sociales provoquées par le néolibéralisme, la ré-émergence de l'extrême-droite et la tragédie de la modernité.

Mots-clés: Idéologie. Lutte des classes. Extrême-droite. Inégalités sociales.

I

Não existe crise econômica *per se*. A economia não é um ente autônomo e, nem mesmo, uma ciência exata. Ela é a forma contemporânea por meio da qual as sociedades se organizam em termos monetário, produtivo e, indubitavelmente, simbólico. Portanto, o movimento de maximização dos lucros deve lidar com estruturas sociais, históricas e, decerto, políticas. Eis um dos principais legados de Karl Marx: ter demonstrado que a mão invisível de Adam Smith simplesmente não existe. O que há é uma economia política capitalista assentada na exploração do trabalho e na repartição absolutamente injusta dos lucros. A “utopia” capitalista reside na crença de que a renda será compartilhada de modo a garantir uma vida digna a cada indivíduo. Aqueles que ainda estão dispostos a abrir os olhos sabem que isto está longe de acontecer — sobretudo na periferia do chamado sistema-mundo moderno-colonial (vide MIGNOLO, 2003 [2000]). Não há, portanto, razão teórica ou histórica para surpresas, pois, quer recuperemos o fim do feudalismo ou a derrocada do Antigo Regime em 1789, *crise* é um traço inerente tanto ao capitalismo quanto ao projeto que o forjou: a modernidade.

Porém, é preciso jamais esquecer a tragédia humanitária constituinte deste processo: homens e mulheres africanos arrancados de suas terras e tornados uma massa de escravos única e exclusivamente em nome da lógica colonial de comercialização de matérias-primas e especiarias. Acrescentemos a este quadro a dominação ibérica sobre as sociedades inca, maia e asteca e, também, sobre os grupos indígenas, no amplo espaço onde, em “homenagem” ao conquistador europeu, mais tarde, será conhecido como “América” (MIGNOLO, 2007 [2005]). No século dezenove, ao aprofundar a necessidade de matérias-primas para a produção de mercadorias em larga escala, a Revolução Industrial contribuiu não só para uma nova onda de expansão imperialista em direção à África e à Ásia (HOBBSAWM, 2012 [1987]) como, também, para amplificar o potencial das crises capitalistas – cujas implicações econômicas e epistemológicas, por sua vez, se fazem sentir até hoje, pois, de um lado, toda infra-estrutura e organização coloniais foram planejadas visando a exportação e, de outro, todo o conhecimento tido como relevante e científico era sinônimo de Europa (SANTOS, 2007 [2000]).

Em síntese, o projeto capitalista de sociedade é uma tragédia dan-tesca. Restrita ao consumo, a promessa de liberdade é diabólica e não representa senão uma eterna prisão. A absurda concentração da riqueza nas mãos de pouquíssimos, uma classe média histórica e alienada incapaz de vislumbrar um pingo de consciência social e a massa de pobres coitados que trabalham basicamente para a reprodução de suas necessidades básicas compõem um panorama sinistro da atual fase ca-pitalista – principalmente em um país periférico como o Brasil.

II

Temos enormes dificuldades de levar a sério o argumento sobre o fim do neoliberalismo, pois, afinal, a operação de desmonte de direitos e a privatização da vida vêm sendo realizada desde o final dos anos de 1970 no Chile, Estados Unidos, Inglaterra e, nos anos seguintes, mundo afora. O neoliberalismo conseguiu a proeza de se tornar o senso comum econômico e, se de alguma maneira vem sendo interrogado, uma vez que o trabalho de desmonte dos direitos trabalhista e previdenciário já foi feito, o motivo de tal interrogação não é outro senão o de preservar o próprio capitalismo. Afinal, o Estado nunca saiu da economia; assim como os trabalhadores desempregados formam um exército industrial de reserva rebaixando o custo dos salários, o Estado representa um “capital de reserva” sempre à disposição em momentos de crise. Vejamos um exemplo atual e sintomático: chantageando o Estado e os trabalha-dores com a ameaça de fechamento de fábricas e demissão em mas-sa, a alemã Volkswagen, instalada no Brasil desde 1953 (não podendo, portanto, ser considerado um negócio que tem dado prejuízo), acaba de receber do banco público BNDES uma linha de crédito da ordem de R\$ 304 milhões de reais para investimentos em inovação e sustentabili-dade... (AGÊNCIA BNDES, 2024)

Enfim, os efeitos do neoliberalismo têm sido tão funestos no tocante ao empobrecimento da população que a atual re-ascensão da extrema-direita está diretamente associada a ele. Diante da crise como estado “normal” de reprodução das sociedades capitalistas, parcela dos mais pobres e da classe média se convence sem muito esforço de que não há outro caminho senão o que oferece soluções autoritárias. Por outro lado, e também como desdobramento do neoliberalismo, a inédita e es-

candalosa concentração de renda nas mãos de gente como Elon Musk, o homem mais rico do mundo, lhe confere tanto poder político a ponto de ele achar que pode desacatar as resoluções do Supremo Tribunal Federal, instância máxima do Poder Judiciário no Brasil. Apoiador de primeira hora da candidatura presidencial de Donald Trump, Musk tem utilizado sua rede social, a X – a mesma que foi temporariamente interrompida pelo STF por estímulo a discursos extremistas e por obstrução de justiça (BBC NEWS BRASIL, 2024) –, para disseminar teorias conspiratórias sobre o devastador furacão Milton nos Estados Unidos. Aliás, Trump acaba de ser a primeira pessoa reeleita na história da democracia americana ¹.

Em tempos de internet, sabemos bem como funciona este mecanismo: a extrema-direita alastra *fake news* e negacionismos de toda sorte pelas redes sociais e, de imediato, transforma seus seguidores em soldados de campanhas as mais infames contra o que eles entendem ser uma dominação cultural marxista, conforme vimos recentemente no Brasil com a dupla Jair Bolsonaro e Olavo de Carvalho. Mobilizando questões de cunho “moral” combinadas a “valores” tradicionais perdidos e que devem ser recuperados, Benjamin Teitelbaum (2020) explicou bem este fenômeno (o qual também ocorre na Rússia de Aleksandr Dugin e Vladimir Putin e nos Estados Unidos de Trump e Steve Bannon) por meio do conceito de *metapolítica*.

Nas últimas décadas, o neoliberalismo libertou de vez as forças produtivas e as relações de produção, preparando com esmero o terreno para o capitalismo digital, o qual, mais uma vez, não distribuiu o bolo da riqueza. No Brasil, o resultado é a “uberização” do trabalho, o aumento exponencial de moradores de rua nas grandes cidades e a desesperança de boa parte da juventude pobre nas periferias. Este último aspecto é potencializado pelas redes sociais que, ao expor fortunas milionárias obtidas por jovens “empreendedores” digitais por intermédio de seguidores, likes, auto-ajuda, *fake news* e toda sorte de futilidade, aumentam sobremaneira a aflição daqueles que estão iniciando a vida profissional ou um curso universitário, por exemplo.

Ao contrário de uma sociedade repleta de empreendedores digitais como alguns *influencers* insistem em propagar e vender, o neoliberalismo engendrou uma sociedade letárgica e angustiada que, por tanto so-

¹ Este texto foi redigido entre outubro e novembro de 2024.

frer para adquirir o mínimo, têm poucas forças para acreditar em dias melhores. Metas difíceis ou impossíveis de serem batidas, produtividade a todo custo sem participação nos lucros, prolongamento da jornada de trabalho em casa via redes sociais, instabilidade salarial, assédio moral de patrões e chefes, incentivo à competição entre os próprios trabalhadores... O neoliberalismo criou sofrimentos psíquicos outrora inexistentes (SAFATLE, SILVA JUNIOR, DUNKER, 2023) e, combinado ao narcisismo como padrão subjetivo-comportamental das redes sociais, o resultado é o aumento da depressão e a fragilidade da saúde mental em geral. Reconhecer estes elementos é fundamental para iluminar a atual dinâmica no Brasil no século XXI.

Nesta conjuntura, seria ingenuidade pensar apenas em termos do aumento da concorrência em busca de melhores postos de trabalho. Trata-se, sim, do entendimento dialético segundo o qual a concorrência é desigual por natureza em uma sociedade capitalista e que, portanto, as chances do filho de um motorista de ônibus obter um diploma de medicina são muitíssimo menores que as do filho de um cirurgião-dentista. Além disso, mesmo profissionais de rendas semelhantes, mas de níveis educacionais diferentes, terão *habitus* distintos; conseqüentemente, a ênfase ou a negligência em relação ao tempo e ao investimento no estudo dos filhos jogará papel fundamental no acesso dos mesmos ao ensino superior, por exemplo. Tal entendimento não oferece qualquer espaço para a sustentação, no Brasil, do tão disseminado discurso da meritocracia, grife-se (ver SOUZA, 2017, 2022 [2009]). Muito provavelmente, teríamos uma situação, em vários aspectos, distinta se todas as classes sociais estudassem em escolas públicas integrais de boa qualidade, por exemplo.

III

No entanto, paradoxalmente, em virtude da reconfiguração sofrida pelo campo político ocasionada pelas redes sociais, empreendedores digitais possuem muitas chances de se tornarem políticos atraentes em virtude de seus discursos tipo *self-made man* e da exibição de seus bens milionários no *Instagram* e no *You Tube*, tal como ilustra a figura indescritível de Pablo Marçal. Candidato à prefeitura da cidade de São Paulo em 2024, sua maciça propaganda na internet baseada

em uma retórica bélica, grosseira e recheada de falsas acusações contra os adversários (cortina de fumaça a esconder todo o seu despreparo mas que compõe a estratégia publicitária da extrema-direita em nossos dias), levou-o a conseguir mais de um milhão e setecentos mil votos (TSE, 2024) e, por pouco, não alcançar o segundo turno. Mais jovem, menos militarista e apostando muito mais no empreendedorismo – de corte neoliberal, obviamente – que Bolsonaro e seus filhos, Marçal representa uma variante estilizada do bolsonarismo. Sua promessa: ser candidato à Presidência da República.

Tendo as redes sociais como os novos termômetros da política – vide os chamados “partidos digitais” identificados por Paolo Gerbaudo (2019), por exemplo –, a extrema-direita vai atualizando sua roupagem e suas performances e, diferente do ocorrido após o fim da ditadura civil-militar, quando, talvez, fosse possível considerá-la como “envergonhada” (nos termos do historiador brasileiro CALDEIRA NETO, 2016), o bolsonarismo pode ser avaliado como um fenômeno que a restabeleceu no horizonte político nacional. Plasmando uma agenda patriarcal, anti-comunista e desrespeitosa face ao Estado de direito e à democracia, o bolsonarismo imantou milhões de brasileiros insaciáveis por autoritarismo. Sua indiferença e seu prazer decorrentes das mortes provocadas pela Covid-19, acrescido da postura negacionista em relação à vacinação, compõem mais um capítulo sinistro da história da necropolítica no Brasil (RIBEIRO, 2024).

Em uma sociedade na qual tudo parece ter se transformado em entretenimento – o que não é algo a ser desprezado em termos de linguagem e representação políticas operadas pela extrema-direita² –, o campo da política converteu-se em uma arena romana. Postulante à prefeitura de São Paulo e apresentador de programa jornalístico de teor apelativo, o lamentável episódio da cadeirada de José Luiz Datena em Pablo Marçal na TV Cultura em 15 de setembro de 2024 não foi abominado pelas sociedades paulista e brasileira. Muito pelo contrário: as cadeiras foram parafusadas no chão do estúdio no debate promovido pela RedeTV em 17 de setembro de 2024 (CNN BRASIL, 2024). Ao invés de ser um exercício de cidadania, o debate eleitoral transformou-se em um espaço de liberação das pulsões de violência.

² Referindo-se a Trump, o conservador norte-americano Robert Kagan reflete: “É assim que o fascismo chega à América (...) Não com botas e saudações, mas com um vendedor de televisão” (*apud* ZEROFKY, 2024).

Como a ética nunca foi regra no jogo político nestas latitudes, o que a extrema-direita está vendendo no mercado pode ser equacionado pela seguinte fórmula: quanto menos ética e mais violência, melhor. O mal-estar das amarras institucionais, sempre demasiado frouxo nos trópicos, foi desatado pelos próprios políticos e aplaudido pelas massas. A violência diverte e vende, anestesia e faz gozar a sociedade brasileira.

IV

E, claro, também mata. Ao adormecer em um ônibus no início da manhã do dia 24 de outubro de 2024, a certa altura da Avenida Brasil, uma das principais e mais perigosas vias da cidade do Rio de Janeiro cercada por populações vivendo em péssimas condições, Renato Oliveira foi baleado na cabeça. Ele estava indo para o frigorífico onde trabalhava. Um confronto entre policiais militares e traficantes ceifou sua vida aos 48 anos de idade (G 1, 2024).

De toda maneira, nas periferias e áreas pobres, não se pode, contudo, falar de ausência do poder público, haja visto a presença do Estado seja através da força policial, seja por meio de pactos escusos que os próprios representantes do Estado (policiais, magistrados, políticos) fazem com traficantes, bicheiros e milicianos. A separação, aqui, é meramente didática, pois sabemos que policiais e milicianos são as mesmas pessoas, por exemplo. Percorrer a Avenida Brasil com olhos minimamente sensíveis para as mazelas sociais e para a totalidade dos elementos que a conformam é apreender o descaso a que os trabalhadores foram submetidos na montagem da urbanização fordista periférica e, simultaneamente, as perversas consequências do neoliberalismo. Privados de salários suficientes para a construção de habitações minimamente razoáveis e próximas aos locais de emprego, a mão-de-obra afasta-se progressivamente do centro e de seu entorno a fim de ocupar áreas onde possa pagar aluguéis mais baratos, construir uma “meia-água” ou levantar um barraco. Para driblar a condição de assalariado, alguns conseguem abrir uma pequena venda, borracharia, padaria, armazinho; outros partem para o mercado informal e ocupam as ruas de maior circulação vendendo toda sorte de mercadorias (vide OLIVEIRA,

2003 [1972]). Por fim, há os que ingressam no comércio de drogas e no crime organizado: jovens negros e pardos, não raro, com histórico familiar de violência e pobreza, e com pouca ou nenhuma expectativa de dias melhores.

O resultado é uma dramática aula de geografia cuja paisagem – categoria fundamental do método geográfico e que, uma vez politizada, ilumina várias características da formação social brasileira – evidencia a metamorfose e a cristalização de formas e conteúdos que, durante décadas, instrumentalizaram a segregação e a discriminação da “Cidade Maravilhosa”. Transporte público caro e de péssima qualidade enriquece os proprietários de ônibus, ao mesmo tempo em que amontoa pessoas em paradas improvisados ao relento e provoca a busca desenfreada pelo automóvel privado, cujo efeito mais visível são os diuturnos engarrafamentos; puxadinhos e neocortiços desafiam a arquitetura e, dada a precariedade do saneamento básico, abandonam milhares de cidadãos à beira da insalubridade; escolas públicas caindo aos pedaços e submetidas ao domínio do tráfico de drogas e professores com baixíssima remuneração tornam a educação uma meta distante, lenta e, para muitos, impossível de ser atingida; hospitais públicos, muitas vezes, são responsáveis por acelerar o óbito dos pacientes ao invés de curá-los; cracolândias multiplicam-se rápida e impiedosamente... 3

V

Eis uma das tragédias perpetradas pelo neoliberalismo: com ares de deboche na esteira do fim do socialismo real, ele soterrou qualquer projeto de minimização da desigualdade capitalista através da intervenção do Estado sobre a coisa pública. As implicações disto são o adoecimento mental da classe trabalhadora ao constatar que não

3 Não menos importante é atentar para o papel da mídia televisiva antes do surgimento da internet. Notadamente, da Rede Globo de Televisão no ano de 2012, quando do lançamento da novela intitulada, precisamente, *Avenida Brasil*. Escrita por João Emanuel Carneiro, a trama explorava um tema banal: no passado, um conflito entre madrasta e enteada desencadeia por parte desta última um plano de vingança. Todavia, isto envolvia também um célebre ex-jogador de futebol profissional e sua família. Com personagens suburbanos e apaixonados pelo lugar de origem, enfatizava-se a linguagem popular, a vida “comunitária” do bairro, as obras sociais do ex-atleta, o jeito simples dos residentes. E, algo raro na estética da televisão nacional, um dos principais cenários da novela era um lixão. Porém, este espaço era edulcorado por uma de suas “mordidas” que criava várias crianças que não eram seus filhos de sangue e por um vilão de humor negro que fazia pequenas trapaças e chantagens. O que poderia ser tomado como positivo, o subúrbio e a periferia assumindo destaque em rede nacional, carece de interrogação: a desigualdade sócio-econômica simplesmente desaparece em nome de uma apologia farsesca e ideológica à cultura popular do Rio de Janeiro.

há nenhuma garantia nem do dia de hoje, nem do futuro; a perda progressiva do sentido de pertencimento a uma coletividade; e a retração da coisa pública como um todo. Segundo Marilena Chauí, ao transformar tudo em empresa, o neoliberalismo, acaba por corroer a democracia e a esfera pública. Sem a mediação das instituições sociais, sobra uma relação direta entre políticos e seus eleitores via internet ou a judicialização da política, isto é, o fim do diálogo. Chauí complementa seu raciocínio sustentando que o neoliberalismo é totalitário porque, no fundo, quer controlar toda e qualquer manifestação social que ponha em xeque o sistema (CHAUÍ, 2020). Nesse sentido, as redes ditas sociais caíram como uma luva em uma sociedade treinada para ser individualista, anti-dialógica e autoritária. Não por acaso, o projeto da extrema-direita é, por natureza, destrutivo, raivoso; em uma palavra, necropolítico (MBEMBE, 2018 [2003]).

Quanto mais mercado, mais necessário é o Estado. Eis a nossa posição. Contudo, ela não é sinônimo de fechamento da economia ou da estatização de todos os setores, mas, sim, a convicção de que o Estado é o contraponto imprescindível face às instabilidades e aos objetivos gananciosos do mercado. Deixar que este opere livremente a distribuição de recursos é, com o perdão da expressão, não somente ignorância histórica, mas nítida violência contra todos aqueles desfavorecidos tanto pelo capitalismo voraz quanto por políticas públicas negligentes. A atuação estatal deve concentrar-se em prol dos assalariados estendendo sua participação em áreas como saúde, educação, habitação, saneamento, direitos humanos, cultura, transporte de massa e infraestrutura. Afinal, a quem interessa o fechamento e a privatização de escolas, universidades e hospitais?

E, como temos a infelicidade de experimentar diuturnamente – o caso dos planos de saúde é um dos mais gritantes –, não há garantia alguma de que os serviços privados serão oferecidos com qualidade. A fórmula é nefasta e bastante conhecida de todos os brasileiros: a insatisfação com o setor privado vem acompanhada do descaso do setor público que, ao abrir mão de prestar dado serviço, torna-se imediatamente refém da iniciativa privada. Ao recorrer à Justiça e constatar, abismado, que esperará anos para a resolução do seu problema, o trabalhador percebe que não é nem cidadão, nem consumidor. Não há a quem recorrer: ato consumado. As implicações são trágicas: desilusão

para com a política; retração do espaço público; perda de sentido de coletividade; acirramento da desigualdade social e simbólica; incentivo ao individualismo. Enfim, deixar a sociedade ao sabor do mercado é renunciar à cidadania e alimentar a barbárie.

Sem nenhum maniqueísmo, o fato é que o capitalismo e seus representantes espalhados pelos parlamentos mundo afora – nunca podemos esquecer que a democracia emergente após a Revolução Francesa é uma democracia burguesa – vêm sufocando com perfeição tentativas mais progressistas de mobilidade social e econômica, tal como desnudaram com toda nitidez os golpes político-jurídicos responsáveis pela deposição de Dilma Rousseff da Presidência da República em 2016 e pela prisão de Lula em 2018 (SINGER, 2012, 2018). Em contraste com a irrelevante atuação de um deputado federal do baixo clero e praticamente desconhecido em escala nacional, o movimento que levou Jair Messias Bolsonaro a candidato ao posto maior da República e suas vitórias retumbantes nos dois turnos das eleições em 2018 não surgiram, portanto, do nada, mas de dois processos: a velha luta de classes travada no âmago da sociedade brasileira e a herança *necropolítica* resultante de vinte e um anos de ditadura civil-militar. Ambas convergem em um ponto: a banalização da morte e sua conversão em um ativo político de primeira ordem.

Sim; embora o socialismo não esteja no horizonte político contemporâneo desde muito antes da queda do Muro de Berlim e do fim da URSS, a luta de classes, a despeito de a esfera pública ter sido colonizada pela *mass media* e, portanto, reproduzir as idéias dominantes (SOUZA, 2017), continua sendo parte incontornável da reprodução do capital. Na Argentina de extrema-direita do presidente Javier Milei, as medidas econômicas por ele tomadas – como não poderia deixar de ser, neoliberais – têm suscitado dramas como o vivido por Luis Escalda. Com quarenta anos de idade e entregador, Escalda viu seu instrumento de trabalho, uma motocicleta *que ainda está sendo paga*, sendo roubado, e, após gritar por ajuda, não hesitou em pular da varanda do primeiro andar em Mar del Plata para tentar afugentar os ladrões. E conseguiu. O custo, porém, foi altíssimo: ele fraturou o quadril e, graças a doações da sociedade civil, está à espera de uma prótese. Escalda também tem ciência de que ficará muito tempo sem trabalhar. Ao explicar sua reação, ele disse: “Foi em um estado de desespero, veio da alma” (O GLOBO, 2024).

Este é o “novo normal” a reger a reprodução capitalista no século XXI. Um indivíduo arrisca aquele que, teoricamente, é seu bem maior, ou seja, sua própria vida, a fim de garantir a posse do seu meio de trabalho. É justamente nesta conjuntura que o conceito de necropolítica revela todo seu alcance analítico: além de explicar a morte dos escravos durante séculos de colonialismo e os efeitos desta maquinaria sobre os corpos negros após a abolição, a necropolítica descreve também o processo do “devir-negro do mundo” no qual boa parte dos trabalhadores brancos não terá nenhum valor para o capitalismo e, portanto, será absolutamente descartável. Enquanto o francês Michel Foucault percebeu como a modernidade tinha no controle da vida, a *biopolítica*, um de seus principais mecanismos de funcionamento, o camaronês Achille Mbembe, mergulhando fundo nas experiências vividas em seu lugar de enunciação, a África, deu um passo além ao notar que o controle da morte, a *necropolítica*, integrava a dinâmica mais nefasta da modernidade (MBEMBE, 2018 [2003], 2018 [2013]).

VI

Se nesta Terra somos todos descartáveis, por que não acenar aos céus em busca do paraíso e, enquanto ele não desponta, suavizar as dores da carne e do bolso? Em pleno colapso da modernidade, as massas brasileiras – sobretudo nas periferias, “coincidentalmente” – foram cooptadas pelas igrejas neoprotestantes como se estas fossem o último refúgio contra os males do mundo e não abrem mão delas como lugar de reconhecimento e ascensão sociais. O crescimento exponencial de tais denominações é um dos fenômenos sociais mais expressivos da tragédia moderna brasileira: uma massa de pobres iletrados olvidada pelo poder público se vê empoderada por um discurso dogmático outorgado pela religião e, assim, todos os aspectos da vida secular não possuem outra explicação senão aquela proveniente da Bíblia. Não há processo histórico. Não há luta de classes. Não há contradição social. Não há legitimidade científica. Uma compreensão minimamente lúcida sobre o passado e o presente do país simplesmente inexistente, pois não há vontade de dialogar com quem pensa diferente. Aliás, ninguém escapa ao poder iluminador

dos significantes: quem não pertence à nenhuma igreja ou está “desviado” (o termo é dos próprios evangélicos e refere-se aos que já foram da igreja mas que a abandonaram) ou é classificado como sendo “do mundo”. Ou seja: no mundo nada presta, tudo corrompe, nada serve. Apenas o que vêm da igreja e da Bíblia possuem valor.

Na prática, contudo, pastores evangélicos acumulam milhões de reais para usufruto particular e tornam-se proprietários de rádios e emissoras de televisão como o dono da Igreja Universal do Reino de Deus, o bispo Edir Macedo; envolvem-se de maneira umbilical com a extrema-direita bolsonarista tal como vem fazendo Silas Malafaia, um dos líderes da maior denominação evangélica nacional, a Assembléia de Deus; acabam inelegíveis (até 2028) por abuso de poder, como o ex-prefeito do Rio de Janeiro e pastor da Universal Marcelo Crivella; e vão para a cadeia condenados por homicídio do próprio marido, tal como o fez a ex-deputada federal (ela perdeu o mandato por causa disto) carioca Flordelis, cuja trajetória infeliz sintetiza com todas as letras a tragédia social brasileira (vide CAMPBELL, 2002).

A escolha dos políticos por camadas substanciais da população, neste quadro, será igualmente guiada pelas conveniências e afinidades espirituais. Durante o período eleitoral, a peregrinação às igrejas evangélicas tem se tornado obrigatória para a maioria dos candidatos. Uma das atuais campanhas do governo federal, por exemplo, destaca os êxitos econômicos em termos de emprego, diminuição da fome, renegociação de dívidas de pessoas físicas e aumento do salário mínimo acima da inflação. Seu título, no entanto, é emblemático dos novos tempos: Fé no Brasil. O apelo não é em direção à boa governança ou à justiça social, mas à crença (YOU TUBE, 2024).

VII

A completar o triste panorama no qual estamos naufragados, nossas orgulhosas elites, bem o sabemos, continuam tratando o território como uma grande fronteira pioneira a ser colonizada, saqueada, esgotada. Se nas cidades tais elites nunca se importaram nem com o fato de

os pobres se amontoarem em bolsões desprovidos dos recursos mínimos necessários à sobrevivência nem com que o movimento pendular dos trabalhadores se processasse em condições degradantes, nos campos e no interior o meio ambiente, ontem e hoje um poderoso “ativo” econômico, continua sendo visto como algo a ser explorado de modo a sacar o máximo de lucro em um curto intervalo de tempo.

Nesse sentido, vimos como a questão ambiental foi conduzida rumo à destruição no Governo Bolsonaro. Neste aspecto, ele estava tão somente retomando um projeto perpetrado desde a ditadura militar, quando a Amazônia era divulgada como Inferno Verde, um obstáculo para o desenvolvimento e o progresso. As mortes do indigenista e servidor público da Funai Bruno Pereira e do jornalista britânico Dom Phillips, no ano de 2022, não nos deixam esquecer do teor necropolítico inerente ao bolsonarismo e à lógica capitalista.

A promessa de um devir próspero a ser alcançado em virtude do tamanho do território brasileiro não passa de mais um mito (ver CHAÚÍ, 2000) do qual devemos, de uma vez por todas, deixar para trás. Somos um país da periferia do capitalismo e sem nenhum efetivo projeto público de tecnologia, de educação em todos os níveis, de ampliação dos transportes visando democratizar a cidade ou de saúde respeitando a vida dos trabalhadores pagadores de caríssimos impostos. Em nossos dias, a vida nacional passa por uma profunda regressão. A re-emergência da extrema-direita, antes de ser mera coincidência, é um fenômeno social cujas raízes vêm sendo historicamente fincadas.

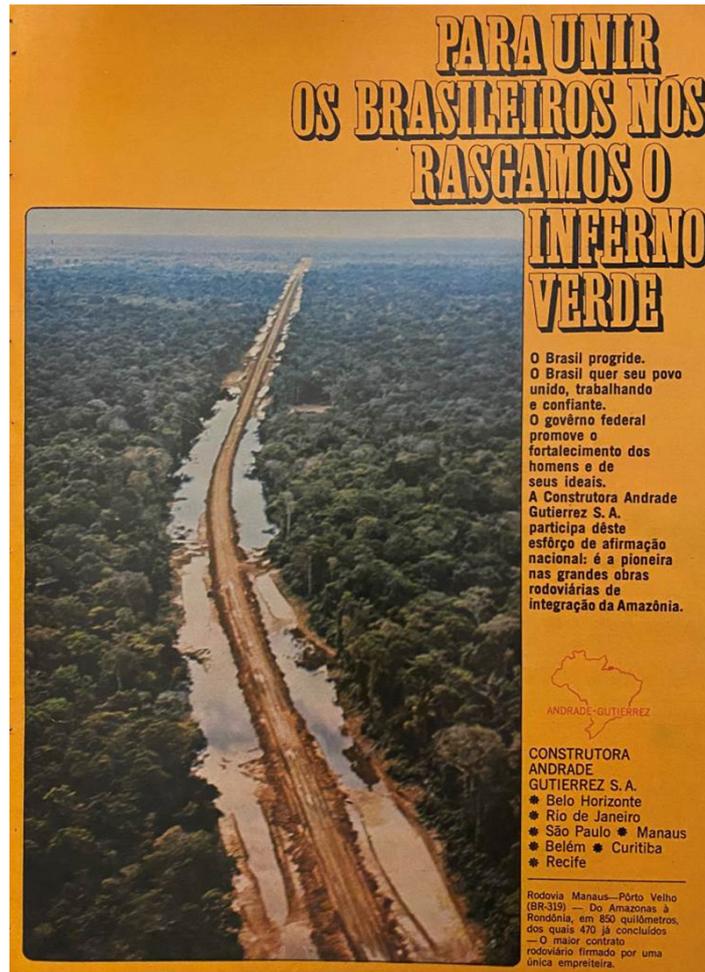


Figura 1: Propaganda da construtora Andrade Gutierrez, edição especial Amazônia, revista Realidade (1972)

Fonte: Wenzel (2020)

VIII

Não, não há futuro. Basta olhar para o processo histórico que nos formou. Nós, “brasileiros”, somos muito mais conservadores que imaginamos. Não fomos capazes de construir um conceito amplo de *público*. Aqui é cada um por si. Nossos “valores” não são sociais. São individualistas e, não raro, agressivos, grosseiros. Não há noção de sociedade – no sentido de *coletividade* e de *comum* do termo. O que há é o compadrio, o paternalismo, o homem cordial incapaz de respeitar qualquer regra social, a lei que só vale para os ricos 4. Violência, autoritarismo e

4 Além do conceito de *homem cordial* forjado por Sérgio Buarque de Holanda (2006 [1936]) nos anos trinta do século passado continuar atual, uma crítica interessante à sociedade brasileira – desta vez, pelo viés da

preconceito de toda sorte são as *manifestações* das estruturas sociais, históricas e políticas que nos constituem. Necropolítica e neoliberal, a extrema-direita, evidentemente, não surge por acaso. Ela é fruto de um processo histórico no qual a mentalidade e a prática colonial e escravocrata permanecem, embora com outras roupagens. Aqui, as elites nacionais, donas das terras, das indústrias e do capital financeiro, mas, também, dominantes no Legislativo, no Judiciário e no Executivo, decidiram deixar os trabalhadores de fora de qualquer pacto social. O resultado é a modernidade se desenvolvendo como uma profunda tragédia.

Não, não há futuro.

Referências bibliográficas

AGÊNCIA BNDES DE NOTÍCIAS. BNDES aprova R\$ 304 milhões para transformação digital da Volkswagen. *Agência BNDES de notícias*, 27 set. 2024. Disponível em: [https://agenciadenoticias.bndes.gov.br/detalhe/noticia/BNDES-aprova-R\\$-304-milhoes-paratransformacao-digital-da-Volkswagen/](https://agenciadenoticias.bndes.gov.br/detalhe/noticia/BNDES-aprova-R$-304-milhoes-paratransformacao-digital-da-Volkswagen/) . Acesso em 25.10.2024.

BBC NEWS BRASIL. Entenda decisão de Alexandre de Moraes, do STF, contra rede social X, de Elon Musk. *BBC News Brasil*, 2 set. 2024. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cy762y20xn5o> . Acesso em 25.10.2024.

BUARQUE DE HOLANDA, Sergio *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006 [1936].

CALDEIRA NETO, Odilon. A direita envergonhada e a fundação do Partido da Reunificação da Ordem Nacional. *Historiae*, Rio Grande, 7 (2), pp.79-102, 2016.

CALLIGARIS, Contardo. *Hello, Brasil! e outros ensaios: psicanálise da estranha civilização brasileira*. São Paulo: Fósforo, 2021 [1991].

CAMPBELL, Ulisses. *Flordelis, a pastora do diabo*. São Paulo: Matrix, 2022.

CHAUÍ, Marilena. O totalitarismo neoliberal. *Anacronismo y Irrupción*, vol. 10, n.18, mayo-octubre, p.307-328, 2020.

psicanálise – encontra-se em Contardo Calligaris (2021 [1991]).

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

CNN BRASIL. RedeTV parafusa cadeiras e cogita seguranças para debate com Datena e Marçal. *CNN Brasil*, 16/09/2024. Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/eleicoes/redetv-parafusa-cadeiras-e-cogita-seguranças-para-debate-com-datena-e-marçal/> . Acesso em 10 de outubro de 2024.

G 1. “Ele estava dormindo e nem viu que foi alvejado”. G1, 24.10, 2024. Disponível em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/10/24/passageiro-de-onibus-baleado-durante-tiroteio-na-avenida-brasil.ghtml> . Acesso em 25 de outubro de 2024.

GERBAUDO, Paolo. *The digital party: political organisation and online democracy*. London: Pluto Press, 2019.

HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. Trad. Siene Maria Campos e Yolanda Stidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012 [1987].

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018 [2013].

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Trad. Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018 [2003].

MIGNOLO, Walter. *La idea de America latina: la herida colonial y la opción decolonial*. Trad. de Silvia Jawerbaum y Julieta Barba. Barcelona: Gedisa, 2007 [2005].

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, pensamento liminar e saberes subalternos*. Trad. de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003 [2000].

O GLOBO. Homem pula de varanda para evitar roubo de moto que comprou para trabalhar. *O Globo*, 04.10, 2024. Disponível em <https://oglobo.globo.com/mundo/epoca/noticia/2024/10/04/homem-pula-de-varanda-para-evitar-roubo-de-moto-que-comprou-para-trabalhar-na-argentina-desespero-veio-da-alma-video.ghtml> . Acesso em 04.10.2024.

OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista/O ornitorrinco*. Campinas: Boitempo, 2003 [1972].

RIBEIRO, Guilherme. *A necropolítica do bolsonarismo e outros textos: registros de tempos sombrios*. São Paulo: Annablume, 2024.

SAFATLE, Vladimir, Silva Junior, Nelson da, Dunker, Christian (orgs.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2007 [2000].

SINGER, André. *O lulismo em crise: um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SINGER, André. *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SOUZA, Jessé. Introdução. In: SOUZA, Jessé (org.). *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, pp.17-41, 2022 [2009].

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso. Da escravidão à Lava-Jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

TEITELBAUM, Benjamin R. *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da extrema-direita populista*. Trad. de Cynthia Costa. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. *Eleição municipal ordinária 2024*. Disponível em <https://resultados.tse.jus.br/oficial/app/index.html#/eleicao;e=e619;uf=sp;mu=71072;tipo=3;ufbu=sp;mubu=71072/resultados> . Acesso em 10.10.2024.

WENZEL, Fernanda. "A Amazônia já era!": como a imprensa glorificou a destruição da floresta na ditadura militar. *O Eco*, 04.10, 2020. Disponível em: <https://oeco.org.br/reportagens/a-amazonia-ja-era-como-a-imprensa-glorificou-a-destruicao-da-floresta-na-ditadura-militar/> . Acesso em 28 de outubro de 2024.

YOU TUBE. Fé no Brasil – Economia. *You Tube*, Governo do Brasil, 01.03, 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=U_0towXpKuc . Acesso em 12 de outubro de 2024.

ZEROFISKY, Elisabeth. Historiador referência em estudos sobre fascismo muda de opinião e se diz alarmado com Trump. *Folha de S. Paulo*, Caderno Mundo, 2024. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2024/10/historiador-referencia-em-estudos-sobre-fascismo-muda-de-opiniao-e-se-diz-alarmado-com-trump.shtml> . Acesso em 28 de outubro de 2024.

Guilherme Ribeiro

Doutor em geografia pela UFF, com doutorado-sanduiche pela Universidade de Paris-Sorbonne (Paris IV) e pós-doutorado em geografia pela UFMG. Co-fundador do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRRJ, onde leciona a disciplina Epistemologia da Geografia e coordena o Laboratório Política, Epistemologia e História da Geografia (LAPEHGE). Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq (Pq-2).

BR 465, km 7, Seropédica, Rio de Janeiro. CEP: 23890-000.

Email: geofilos@msn.com e lapehge@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5564-8619>

Recebido para publicação em setembro de 2024
Aprovado para publicação em novembro de 2024.